



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM TERAPIA TRANSPESSOAL

MARIA VILMA EÇA MENEZES

**FRACASSO ESCOLAR: A RELEVÂNCIA DO OLHAR DO
PROFESSOR TERAPEUTA**

SALVADOR

2013

MARIA VILMA EÇA MENEZES

**FRACASSO ESCOLAR: A RELEVÂNCIA DO OLHAR DO PROFESSOR
TERAPEUTA**

Monografia apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde (INCISA) como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduação em Terapia Transpessoal.

Orientador: Iris Sá

Salvador

2013

MARIA VILMA EÇA MENEZES

**FRACASSO ESCOLAR: A RELEVÂNCIA DO OLHAR DO
PROFESSOR TERAPEUTA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de título de Pós-Graduação em Terapeuta Transpessoal no Instituto Superior de Ciências e Saúde pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Professor	Título
-----------	--------

Professor	Título
-----------	--------

Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina, há falta de amor. Um é a sombra do outro.

Carl Jung

Aos meus alunos e alunas.

GRATIDÃO

A Deus,

À Vera Eça, pelo incentivo, sensibilidade, tolerância e disponibilidade em examinar o conteúdo deste trabalho, colaborando para o seu aprimoramento com ideias e sugestões relevantes;

E a Iris de Sá que auxiliou a concretizar este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho quer discutir o fracasso escolar, e a relevância do olhar do professor e terapeuta transpessoal, considerando a influência de Carl Gustav Jung para o surgimento e desenvolvimento da abordagem Transpessoal. Este trabalho enfoca o aumento significativo de crianças em situação de fracasso escolar, a criança com o advento da psicopedagogia e por fim aprendizagem sob o olhar da Psicologia Junguiana. Para além do fracasso escolar a Psicologia Analítica pode contribuir na consideração das interações sociais e afetivas e na capacidade de compreender a importância da família e do papel do educador no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Psicologia Junguiana, Educador, Educando, Fracasso Escolar, Aprendizagem, Afetividade.

ABSTRACT

The present paper aims to discuss school failure, and the relevance of the teacher and holistic transpersonal therapist's look, considering Carl Gustav Jung's influence to the appearing and development of this approach. This paper concentrates in the significant increasing of children in school failure situation, the child with the advent of psycho-pedagogy, and at last, learning under the look of Jungian Psychology. Beyond school failure, analytic psychology is able to contribute to the heed of social and affective interactions, in the capacity of understand the importance of family and educator in the teaching/learning process.

Key words: Jungian Psychology, Educator, Educating, School Failure, Learning, Affectivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O APRENDER EM CRISE	12
2.1 A compreensão do processo	13
2.2 O aprender: a conduta em questão	15
2.3 A família e a relação com o aprender	18
2.4 Escola qual a sua responsabilidade?	22
2.4.1 A criança e a escolarização	23
3. A CRIANÇA COM ADVENTO DA PSICOPEDAGOGIA	26
3.1 A Instituição Escolar sob o olhar da psicopedagogia	28
4. A APRENDIZAGEM SOB O OLHAR TERAPEUTA TRANSPESSOAL	32
4.1 Breve relato da trajetória de Carl Gustav Jung	32
4.2 O educador e a Psicologia Junguiana	34
4.3 Aprendizagens x Fracasso escolar	35
4.4 O mal na relação ensino aprendizagem	37
CONSIDRAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho final intitulado: “Fracasso Escolar: A relevância do olhar do professor terapeuta” começou a ser pensado, primeiramente, a partir de reflexões a respeito das narrativas vivenciadas nos encontros e reuniões de professoras, coordenadores e gestores, que quase sempre percorrem o caminho da busca do responsável, diante do crescente número de alunos com dificuldades de aprendizagem. Além das reflexões e questionamentos mencionados, originou-se também, da inquietação em investigar as contribuições da Terapia Transpessoal frente a esse sintoma do fracasso escolar, que nos últimos anos vem se impondo de forma alarmante no cenário educacional.

O objetivo da pesquisa é, então, investigar as questões relacionadas com o sintoma das dificuldades de aprendizagem, o papel da psicopedagogia nas instituições de ensino e a revência do olhar do professor e terapeuta para questões do ensino aprendizagem, objetivando a valorização da subjetividade no contexto escolar. E o questionamento central é o seguinte: Como a terapia transpessoal pode contribuir na melhoria da qualidade da aprendizagem das crianças? E para elucidar o questionamento, foi feita uma revisão das principais obras que contempla o assunto e internet. Naturalmente insiro também minhas reflexões.

Os capítulos do trabalho estão apresentados em três momentos, sendo que no primeiro capítulo intitulado “O aprender em crise”, abordar-se-á a questão do aumento significativo do número de crianças com dificuldades de aprender, a compreensão do processo de aprendizagem, a família e a relação com o aprender e criança e escolarização.

No segundo capítulo com o tema a criança com o advento da psicopedagogia, enfocando o objeto de estudo e a expansão da área de atuação,

o surgimento e o processo de fortalecimento da área no Brasil, e a instituição escolar sob o olhar da psicopedagogia.

No último capítulo a aprendizagem sob o olhar do terapeuta transpessoal, considerar-se-á a importância do educador no estabelecimento de vínculo e na qualidade das relações professor-aluno, situações negativas de interação social e dificuldade de aprendizagem, falta de afetividade substancializada na compreensão do contexto do estudante na aprendizagem, é um fator significativo para o mal na relação ensino aprendizagem.

Assim, pensar a educação com processo de aprendizagem não somente de conteúdos e informações, mas antes também de práticas e comportamentos que atinja o aprendiz e as próprias formas de aprender, enfatizando a importância da convivência democrática, considerando as relações, afetividades e a singularidade da criança.

1. O APRENDER EM CRISE

O sistema educacional na atualidade vem sendo marcado pela crise de aprendizagem. Nos últimos anos o número de alunos com dificuldades de aprendizagem vem sofrendo um aumento significativo. E considerando que vivemos na era do conhecimento, não se pode admitir o exercício da cidadania sem uma educação, de fato e de forma maciça e eficaz, que servirá de base para as competências futuras; garantido o salto qualitativo que requer o contexto atual.

O sistema educacional vem ao longo do tempo estudando e discutindo os problemas da educação brasileira, contudo os percalços da aprendizagem ainda se impõem de forma alarmante e persistente. Inegavelmente avanços vêm ocorrendo, mas ainda não se desenvolveu uma política pública que tornasse a educação eficiente e que assegurasse efetivamente o cumprimento da sua missão, a de promover o acesso à cidadania.¹

O sistema educacional que surgiu objetivando que cada indivíduo aprenda e compreenda o mundo que o rodeia, possibilitando melhoria nas condições de vida da sociedade moderna, acaba por produzir na contemporaneidade uma realidade alienante e imobilizadora, levando milhares de jovens ao insucesso escolar.²

Na atualidade frente a uma sociedade exigente, onde as pessoas são valorizadas por sua capacidade de construir o conhecimento, de gerar instrumentos para agir sobre o meio envolvente, a fim de participar e cooperar

¹ OLIVO, Fabíola. *A educação como condição de acesso à cidadania*. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

² CARVALHO, Frank Wagner Alves de; KHAN, Ahmad Saeed; SILVA, Lúcia Maria Ramos. Oferta e demanda por educação nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia: o caso do if do Ceará: *campus de Iguatu*. *Revista de Políticas Educacionais e Culturais da Sinasefe*, set., p. 43-53, biênio 2009/2010. Disponível em: <http://www.sinasefe.org.br/revista_sinasefe_03082010.pdf>. Acesso em: 19 maio 2011.

com os outros em todas as atividades humanas, encontramos a escola como fonte de exclusão. É preciso buscar soluções para que a escola seja eficiente e eficaz no sentido de promover o conhecimento e, simultaneamente promover o desenvolvimento da dinâmica emocional do aprendiz.

2.1 A compreensão do processo

Neste sentido, a compreensão do processo de construção do conhecimento requer uma intervenção especializada objetivando, superar os problemas cruciais e crônicos do atual sistema de educação: aumento do crescente de estudantes com problemas de aprendizagem, evasão escolar, formação precária e descaso da atividade acadêmica. Para tanto, é necessário investigarmos o tema e produzir conhecimentos que permitam prevenir, combater e tratar esse fenômeno que preocupa educadores na atualidade.

A área do conhecimento que se dedica exclusivamente ao estudo do processo de aprendizagem com o aprendiz e seus diferentes estilos de aprender, e suas redes relacionais estabelecidas, chama-se de psicopedagogia.³ Essa área é sustentada em determinados aspectos interdisciplinares, o que inclui elementos da psicologia, da sociologia enquanto ciência das relações sociais, da filosofia e da antropologia, além da pedagogia, fundamentalmente, como a ciência da educação. As ciências da linguagem também são visitadas e a neurologia, dentre outras áreas do conhecimento que buscam a compreensão do processo aprendizagem. O certo é que:

A Psicopedagogia surgiu de uma demanda específica da sociedade: o

³ “Quem primeiro se ocupou do estudo desses problemas foram os filósofos, os médicos e os educadores [...]o primeiro centro médico-psicopedagógico localizado na França, cujo fundador foi George Mauco. Neste centro já se observa uma articulação entre várias áreas de conhecimento, como a medicina (psiquiatria, neuropsiquiatria e pediatria), a psicologia, a psicanálise e a pedagogia. Juntos, os profissionais dessas áreas buscavam soluções para os problemas de aprendizagem que acercavam as crianças de então”. GRIZ, Maria das Graças Sobral. *Psicopedagogia: um conhecimento em contínuo processo de construção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 24.

fracasso escolar, a falha na aprendizagem, o insucesso do ensino. Podemos dizer hoje, e afirmar que a Psicopedagogia não é uma disciplina híbrida, não surgiu em laboratório, não é um produto da pedagogia e da psicologia e, com isto, não se restringe, absolutamente, a estas duas áreas. É sim, um espaço transdisciplinar, pois se constitui a partir de uma nova compreensão acerca da complexidade dos processos de aprendizagem e, dentro desta perspectiva, das suas deficiências. É uma área portanto, que não se volta apenas aos psicólogos e pedagogos. Utiliza conhecimentos advindos da pedagogia e da psicologia, assim como de várias outras áreas de conhecimento, alcançando aquilo que denominamos de transdisciplinaridade.⁴

O trabalho do Psicopedagogo é prevenir, diagnosticar e vencer as dificuldades de aprendizagem. Contudo, essas dificuldades apresentam múltiplos fatores envolvidos, dentre eles a situação socioeconômica e cultural da família, fatores efetivo-emocionais a eficácia da atividade docente, o serviço público no contexto educacional. Sustenta nossos argumentos, Scoz ao asseverar que:

Todavia, ao atribuir as causas dos problemas de aprendizagem apenas a fatores individuais – físicos ou psicológicos – a Escola Nova esquecia-se de que esse projeto seria inviável em uma sociedade dividida em classes, regida por determinantes, econômico, políticos e sociais mais amplos.⁵

Nessa perspectiva, dizendo com outros termos, mas alicerçado no mesmo ponto de vista, Bartholo também atesta nossas afirmações ao falar sobre os problemas de aprendizagem, o foco da questão é o seguinte:

Apresenta foco no processo de aprendizagem em sentido amplo (sistemática e assistemática), levando em conta as realidades interna e externa do individuo, seus aspectos cognitivos, afetivos, e social e a complexidade da construção do conhecimento.⁶

Nesse novo paradigma educacional encontrar alunos vivenciando estágios difíceis em seu processo de construção do conhecimento é um fato rotineiro observado por aqueles que estão inseridos no sistema educacional, a construção do conhecimento tem sido cada vez mais, diagnosticada como um processo

⁴ FERREIRA, Renata Tereza da Silva. *A importância da psicopedagogia no ensino fundamental de 1° a 4° série*. Disponível em: <<http://www.psicolucia.blogspot/2008>>. Acesso em: 21 mar. 2010. p. 7.

⁵ SCOZ, Beatriz. *Psicopedagogia e Realidade Escolar*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 22.

⁶ BARTHOLO, Maria Helena (Org.). *Relato do fazer psicopedagógico*. Rio de Janeiro: NOOS, 2003. p. 38.

problemático e confuso. As questões relacionadas à aprendizagem estão associadas a um conjunto complexo de fatores sociais e psicológicos.

A criança dos últimos vinte anos cresce em espaços extremamente limitados e convive muito pouco com seus pais, sendo que os profissionais da escola são muitas vezes os únicos adultos com quem ela se relaciona durante um dia inteiro. Por sua vez, os pais educados de maneira repressiva e que por conta das exigências mercadológicas distanciam-se de seus filhos, compensam a ausência com excesso de mimos e de permissividade, não permitindo a eles desenvolverem a importantíssima capacidade de tolerar frustrações! Somado a isso, há o intenso bombardeio de informações vindas dos veículos de comunicação e a presença maciça e muitas vezes indiscriminada da tecnologia na vida de crianças bem pequenas. As mudanças de paradigmas são inevitáveis, porém vêm sempre acompanhadas de excessos: na tentativa de construir novas formas de ressignificar a vida, o ser humano acaba indo de um extremo ao outro! E as crianças tornam-se as maiores vítimas deste processo.⁷

Essa realidade alienante é responsável pela condenação anualmente de milhares de alunos ao insucesso escolar e causadora de frustrações capazes de levar os alunos a abandonar definitivamente as atividades escolares.

2.2 O aprender: a conduta em questão

Esse contexto nos impõe a uma reflexão quanto à grandiosidade que é o processo da aquisição do conhecimento. O ato de aprender é característico de ser humano, é transformador, é apropriar-se do novo, é historiar-se. O aprender está intimamente ligado as relações humanas, é a possibilidade de utilizar velho para criar o novo e sua expectativa de sucesso é incondicional. Bernard Charlot nos revela:

[...] nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se, em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (torna-se um exemplar único de homem), singularização (torna-se membro de sociedade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, e de uma parte desse mundo, e participar da construção de um mundo pré-

⁷ SANTOS, Luciana Stoppa dos. Transtornos de aprendizagem e fracasso escolar: uma correlação possível? *Revista Tavola Online*: divulgação em humanidades, ciências e cultura, 2011. Disponível em: <<http://nucleotavola.com.br/revista/>>. Acesso em: 18 maio 2011.

existente [...].⁸

Aprender é uma tarefa complexa que requer autonomia, intencionalidade, maturidade, bem como um contexto socioafetivo propenso a esse processo. Para que ocorra a aprendizagem é necessário estabelecimento de vínculos, tanto entre o aprendente e o ensinante como entre o aprendente e o conhecimento.⁹

Porém, a característica babélica do processo de aprendizagem é evidenciada dentro de nossa realidade educacional. E o grande desafio é responder ao questionamento: por que será que nem todos os alunos aprendem igualmente?¹⁰

Entender como o sujeito aprende e como é construído o seu conhecimento, bem como compreender o relacionamento aluno-escola, aluno-família, são contribuições importante para a investigação do processo da aprendizagem, que irá possibilitar a superação das dificuldades do rendimento escolar, ou pelo menos amenizá-las. Corroborar nosso ponto de vista Oliveira, ao afirmar que:

Naturalmente, depois da família, é na escola que as crianças permanecem mais tempo e, dadas suas características e funções, é em geral um importante espaço de avaliação das crianças, cujo comportamento está marcado pelas idiossincrasias familiares. Dessa forma, as relações entre esses dois sistemas são de fundamental importância para evitar dificuldades, crises e stress de todos.¹¹

Como podemos perceber a partir do que sugere a autora acima citada, para compreender a dificuldade de aprendizagem é fundamental levar em

⁸ CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. elemento para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 53.

⁹ CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. *Revista de Psicologia da Vetor Editora (PSIC)*, v. 7, n. 1, p. 29-38, Jan./Jun., 2006.

¹⁰ GOMES, Adriana Aparecida Molina; NACARATO, Adair Mendes. *(Des)construindo, (trans)formando, (re)significando a educação de jovens e adultos (eja): a comunidade babélica de babel...* Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem15dpf/sm15ss13_03.pdf>. Acesso em: 14 maio 2011.

¹¹ OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádía A. (Orgs.). *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção psicopedagogia e psicanálise). p. 195.

consideração todos os fatores envolvidos no processo de desenvolvimento do aluno. Isso significa considerar o aluno, dentro e fora do âmbito escolar, e o modo como ocorre a transmissão do conhecimento. No mesmo sentido, entretanto com outras palavras, Sisto sustenta nossos argumentos:

Cada um aprende de acordo com sua capacidade imediata e as condições oferecidas pelo ambiente, portanto, essas dificuldades de aprendizagem não dependem exclusivamente de características individuais, mas também de uma série de outros fatores externo à pessoa.¹²

Por muito tempo, as dificuldades de aprendizagem eram vistas apenas sob o enfoque orgânico, o insucesso escolar era atribuído a problemas orgânicos, ou seja, as crianças não aprendiam porque eram desnutridas porque pertenciam as classes sociais menos privilegiadas ou por apresentarem distúrbios neurológicos; conseqüentemente o fracasso escolar sempre era de responsabilidade do aluno e nunca do grupo familiar e ou escolar. Só mais recentemente que as dificuldades de aprendizagens libertam-se do estigma – clínico, e os olhares voltam-se para a família, para a escola e para o educador.

O processo de aprendizagem da criança começa no meio familiar de modo informal, porém extremamente importante, para todo processo de construção do conhecimento que seguirá logo da vida. A família é o alicerce indispensável, que cuida e prepara a criança, que organiza seu mundo interior, que inicia a socialização que posteriormente vai ser complementada pela escola. Logo, essa inter-relação família, criança, escola exerce papel determinante no processo de construção do conhecimento da criança. Oliveira e Bossa, mais uma vez, corroboram com nosso ponto de vista, quando afirmam:

É evidente que, sendo o desenvolvimento um processo global, qualquer dificuldade está relacionada tanto a características próprias da criança quanto a atitudes da família e da escola afetando sempre a criança enquanto pessoa. Portanto, é superimportante assumir-se a postura de que a produção da criança é resultado da inter-relação de toda essa rede

¹² SISTO, Fermino F.; OLIVEIRA, Gislene de C. (Orgs.). *Atuação Psicopedagógica e aprendizagem escolar*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 254.

que constitui o contexto de sua vida.¹³

1.3A família e a relação com o aprender

A família é o primeiro grupo social no qual a criança interage, e é inegavelmente considerada a influência social mais importante para formação da personalidade do ser humano. Nela as pessoas encontram seu porto seguro, o que irá proporcionar recompensas e punições tão necessárias na elaboração de respostas para os primeiros obstáculos da vida.

Os laços familiares são essenciais para o desenvolvimento da criança; o olhar, o toque, a satisfação das necessidades básicas da criança vão lhe dando segurança e um sentimento de confiança de ser amado incondicionalmente. Lembramos assim de Bleger quando afirma que:

[...] a função institucional da família é a de servir de reservatório, controle e segurança para a satisfação da parte mais imatura ou primitiva, narcisística, personalidade, mas, ao mesmo tempo, pelo estabelecimento de uma boa relação simbiótica dentro do grupo familiar (relação simbiótica normal e necessária), o grupo familiar, dentro de sua dinâmica normal, permite o desenvolvimento das partes mais adaptadas ou mais maduras da personalidade do extragrupo.¹⁴

A família, instituição educativa matriz essencial, tem a função de cuidar e acompanhar a criança em todos os seus percursos da vida, inclusive naqueles que envolvem o seu processo de construção do conhecimento. O processo de aquisição e de construção do conhecimento é tão significativo quanto o produto final, ou seja, o sujeito, o cidadão preparado, para viver e conviver inserido em uma sociedade do conhecimento.

Uma prática de quase 30 anos na docência no ensino fundamental e ensino médio na rede pública estadual nos leva a inferir que o fracasso do aluno é

¹³ OLIVEIRA; BOSSA, 2003, p. 198.

¹⁴ BLEGER, José. *Psico-Higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artmed, 1984. p. 101.

explicado muitas vezes por situações provenientes do contexto familiar tais como:

- O alcoolismo e demais drogas afetando pais ou outras pessoas que tenham vínculo a criança;
- Ausência prolongada da família. Os pais estão cada vez mais ocupados com o trabalho e pouco tempo dispõem para dedicarem-se à educação de seus filhos;
- Perdas (morte), afastamentos (doenças graves) de familiares ou de pessoas que convivem com a criança;
- Problemas de relacionamento familiar, violência doméstica, crianças vítimas de maus-tratos;
- Separação dos pais também gera conflitos que afetam a aprendizagem dos filhos;
- Relações de competitividade e rivalidade entre irmãos, meio-irmãos, primos ou outras crianças que convivam no mesmo ambiente familiar;
- Situação de desemprego dos pais ou de responsáveis pela criança.

Podendo também prejudicar o processo de construção do conhecimento a falta de regras e limites, tais como assistir televisão demasiadamente, uso de computador por muito tempo e falta de repouso adequado, ou seja, o não dormir suficiente compromete também a aquisição do conhecimento. Lastreando nosso ponto de vista os autores afirmam:

Quando os pais não dão limites ao comportamento dos filhos, passam inteiramente a responsabilidade para eles próprios de conduzir o seu caminho. Só que, como crianças e adolescentes, eles não estão preparados para fazer as melhores escolhas, principalmente aquelas que reverberam em consequências de longo prazo. Nessa faixa etária, eles estão muito mais vulneráveis aos prazeres que são oferecidos no aqui e agora. Entre ficar na frente do computador até altas horas e ir dormir, os filhos muitas vezes optam pela primeira opção, que é a que oferece o prazer mais imediato, sem se dar conta de que, no dia seguinte, estarão

mais cansados e terão mais dificuldades em aprender na escola [...].¹⁵

Quando, os pais não conseguem acolher seus filhos, dentro de uma relação familiar harmoniosa e saudável na qual é evidente a autoridade dos pais, e, tampouco, sentem-se habilitados a resolverem conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Optam muitas vezes pela arbitrariedade do não ou pela permissividade do sim, não oferecendo nenhum referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e no cuidado.

As condições socioeconômicas das famílias que em muitos casos levam os pais a jornadas de trabalho cada vez maiores, são também responsáveis por transtornos na aprendizagem de seus filhos, bem como a falta de alimentação mínima necessária para o desenvolvimento infantil, as más condições de moradia, a falta de espaço, e de energia.¹⁶

Salientamos que, o ambiente familiar harmônico e afetivo favorece o bom desempenho da criança na escola, porém, não é, via de regra, o único elemento no seu sucesso escolar, uma vez que o processo de construção do conhecimento depende de outros fatores que não exclusivamente familiares.

Considerando o sujeito como autor de sua própria história, se faz necessário para que o processo de construção do conhecimento realmente aconteça que educadores, em especial pais e professores, ocupem seus verdadeiros papéis de pais e professores, estabelecendo normas, impondo limites em meio a um ambiente de cuidado e afeto, tão necessário para estabilidade emocional e conseqüente para a construção do processo de aprendizagem da criança.

O exercício do afeto entre os membros de uma família é essencial para uma educação estruturada, que tem no diálogo o sustentáculo da relação familiar.

¹⁵ WAGNER, Adriana; MONSMANN, Clarisse P.; DELL'AGLIO, Débora D.; FALCKE, Denise. *Família & internet*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 68.

¹⁶ SANTOS, Anerita Ferreira dos; LIMA, Márcia Helena de. A importância da psicopedagogia na educação: uma análise sobre o ensino fundamental. In: *Contextos e saberes da educação: coletânea de artigos do VI Curso de Pós-Graduação em Educação Especial / Inclusiva e Psicopedagogia* Instituição Promotora. Disponível em: <<http://www.unipaciefom.com.br/documentos/ColetVIturEduEspEduInPsi.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2011.

Além disso, a verdade e a confiabilidade são os demais elementos necessários nessa relação entre pais e filhos. Os pais precisam evitar atitudes de autoproteção em demasia, ou de descaso referente aos filhos. O acolhimento é elementar no processo de construção do conhecimento.

Retomando uma percepção inicial, na qual inferimos que a expectativa do sucesso escolar é incondicional, necessitamos entender que os filhos não existem para satisfazer os desejos e sonhos de seus pais, mas, para alcançar seus próprios sonhos e desejos, sua própria autonomia. Eles não foram conduzidos ao mundo para realizarem os sonhos de seus pais, simplesmente, estão aqui para percorrer seus próprios caminhos e realizar seus próprios sonhos.

Na sociedade contemporânea, a família e a escola têm papéis complementares, apesar de distintos em seus objetivos. É responsabilidade da família o cuidado, a estruturação e organização da criança em sua identificação, individuação e autonomia. Os filhos e filhas são também do grupo social como formula o poeta *Kahlil Gibran* no poema a seguir:

Vossos filhos não são vossos filhos
São filhos e filhas da ânsia da vida por si mesma.
Vêm através de vós, mas não de vós.
E, embora vivam convosco, a vós não pertencem.
Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,
Pois eles têm seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;
Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podeis
visitar nem mesmo em sonho.
Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como
vós,
Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias
passados.
Vós sois o arco dos quais vossos filhos, quais setas vivas, são
arremessados.
O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com Sua força
para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe.
Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:
Pois assim como Ele ama a flecha que voa, ama também o arco, que
permanece estável.¹⁷

À medida que as pessoas vão interagindo no contexto sócio-afetivo familiar, vão construindo sua própria história. O indivíduo é constituído no núcleo

¹⁷ GIBRAN, Kahlil. *O profeta*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional, 1974.

da família como ente social. É ali que ele ganha e formula, de maneira muito dinâmica, sua subjetividade.

2.4 Escola: qual a sua responsabilidade?

Historicamente, a educação não é papel exclusivo da família. A escola os meios de comunicação também participa da educação das novas gerações. O processo de aprendizagem ou esquema de operar o conhecimento, de cada pessoa, é singular e acontece em suas relações com os ensinantes a nível social, escolar e familiar, em um movimento de construção e reconstrução, ficando impraticáveis as tentativas de questionar uma dessas variáveis separadamente, pois iria dividir o que é indivisível.

No contexto atual, a escola torna-se cada vez mais um cenário de fracasso e formação precária. A escola não pode apresenta-se como mais uma instituição que contribui para exclusão social que muitas vezes não leva em consideração o contexto social, emocional e a visão de mundo do aluno. As discrepâncias entre o desempenho fora e dentro da escola são significativas. Ou seja, muitas vezes os profissionais da educação não utilizam de uma metodologia contextualizada, e com isso não conseguem transpor o conhecimento ensinando para a realidade do educando, conseqüentemente se tem a falta de interesse pelas aulas, indisciplina em sala de aula, causando sérios prejuízos na aquisição de conhecimentos.

Segundo Alícia Fernández,

Ainda que não contamos com estudos estatísticos que permitam determinar a incidência desta patologia em relação à percentagem total da demanda nas instituições, por minha experiência direta e em nível de supervisão há quase 15 anos, posso pensar que uns 50% das consultas podem atribuídas a uma causa que não é sintomática de uma família e de sujeito, mas de uma instituição sócio-educativa, que expulsa o aprendente e promove o repetente em suas duas vertentes (exitoso e

fracassante).¹⁸

Essa realidade nos conduz a necessidade urgente de uma revisão dos fins da instituição escolar e, principalmente de sua missão. Pensar a escola não apenas como um espaço construído para atender uma determinada clientela, mas, como um espaço acolhedor do sujeito, que considere, ao mesmo tempo, o contexto cultural, social, emocional, o seu tempo e a dimensão da singularidade do sujeito. É o que também nos diz BOSSA, ao estudar as idéias de Freire,

Já nos ensinava Paulo Freire que a educação deve levar em conta, principalmente, a vocação ontológica do homem, que é tornar-se sujeito, situado no tempo e no espaço, visto que vive em uma época, lugar e em um contexto social e cultural preciso.¹⁹

Nesse sentido, a ação educativa efetiva tem que esta fundamentada na realidade do aluno, na observância das questões sociais, culturais da comunidade escolar.

2. 4.1. A criança e a escolarização

A escola no modelo que temos hoje, com professor e crianças como estudantes, não é uma instituição muito antiga. As primeiras escolas fundadas foram na Europa no século XII. Na Grécia antiga as crianças eram educadas, mas de modo informal, sem divisão em séries nem salas de aula. Já na Europa medieval o conhecimento ficava restrito aos membros da Igreja e a poucos nobres adultos. A importância e natureza variam muito no tempo, dependendo das necessidades e características socioeconômicas do grupo em que estava inserida.

Até o século XII, as crianças eram consideradas como um adulto em miniatura, não havendo um mundo infantil como vivenciamos hoje, com roupas e diversão apropriadas a elas. Vivendo entre adultos, aprendiam, na prática, as então chamadas boas maneiras e assumiam funções de trabalho numa relação inexistente de afetividade entre pais e filhos. Philippe Aires nos revela que:

¹⁸ FERNÁNDEZ, Alícia. *A Inteligência aprisionada: uma abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Arte médicas, 1991. p. 88.

¹⁹ BOSSA, Nadia A. *Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico*. São Paulo: Artmed, 2002. p. 29

Desde a antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores que não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII era provável que não houvesse lugar para a infância, uma vez que a arte medieval a desconhecia (ARIÈS, 1978, p.).

Como podemos perceber a partir do que sugere o autor supracitado, durante séculos a criança foi considerada como um adulto de baixa estatura, mais frágil e menos inteligente. Tratada como instrumento de manipulação dos adultos, a duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil e, a partir do momento em que elas apresentavam independência física, eram logo inseridas na organização social. A criança se afastava logo de seus pais, a transmissão de valores e dos conhecimentos não era papel da família, elas aprendiam através das tarefas realizadas juntamente com os adultos. O sentimento de amor materno não existia, a família era social e não sentimental.

As mudanças com relação ao cuidado com a criança, só vêm ocorrer mais tarde, a partir do século XVII, com a interferência da igreja que não mais aceita passivamente o infanticídio, antes secretamente tolerado. Então inicia o reconhecimento da infância com um estágio de desenvolvimento merecedor de atenção especial, a criança passa a ser considerada como um ser engraçadinho, ingênuo e admirado no meio familiar, no qual era tratada com muitas delicadezas e agrados, mas ainda é uma época marcada por pouco afeto e muita exigência.

Esse tratamento dispensado a criança provocou uma série de críticas, por parte dos eclesiásticos e moralistas da época, preocupados com a disciplina, moral e a racionalidade. Nesse contexto, surge a criança escolar, objeto de inquietação dos médicos, educadores, religiosos, enfim, de olhares externos ao meio familiar. A escola passou a ser local onde a criança poderia ser controlada, submetida às regras e disciplina. Corroboramos nossa afirmação Bossa ao afirmar:

Deu-se início, então a uma preocupação com a infância, a fim de corrigi-la e discipliná-la, a religião, a ciência e a lei passaram a tratar dela. Nesse contexto, surge uma nova preocupação: a disciplina, a racionalidade, a moral e os costumes da infância. Acreditava-se que, por meio de uma disciplina racional, as crianças poderiam transforma-se em adultos responsáveis. Os moralistas e educadores combatiam a papparicação promovida pela família e pregavam um tratamento para criança baseado na racionalidade, em consonância com um projeto

forjado no triunfo da razão.²⁰

A escola surgiu para atender a criança, como um espaço de controle disciplinar. As crianças deveriam ser educadas para no futuro torna-se um ser racional e honrado, adaptado as regras da sociedade. Consequentemente as crianças que não conseguiam adaptar-se a conduta estabelecida passaram a ser vista como anormais. E assim foi criado o mecanismo de exclusão. Por fim, a partir do século XIX é que surgem maiores relações de afeto e de exigência promovendo uma relação mais saudável.

Assim, a infância é uma invenção construída ao longo da era moderna. O sentimento de infância, com a preocupação com desenvolvimento saudável, com a educação, com o comportamento no meio social, são ideias que surgiram já na modernidade.

Mas essa mudança não teria sido realmente possível sem a cumplicidade sentimental da família. A família tornou-se um lugar de afeto. Inicia-se o processo de organização da família em torno da criança, que saiu do anonimato e passou a ocupar um lugar de importância no núcleo familiar.

Sabe-se hoje que os laços familiares são essenciais para o desenvolvimento saudável da criança; o olhar, o toque, a satisfação das necessidades básicas vão lhe dando segurança e um sentimento de confiança de ser amado incondicionalmente por sua família. A família é o primeiro elo na relação da criança com o mundo, de modo que se esta interação, família-criança, for comprometida de algum modo, isso interferirá no equilíbrio e desenvolvimento saudável da criança.

²⁰ BOSSA, 2002, p. 41.

3 A CRIANÇA COM O ADVENTO DA PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia atua na investigação do processo de aprendizagem humana, e surgiu de uma demanda social: a dificuldade de aprendizagem. A aprendizagem humana em sua complexidade exige postura investigadora de várias ciências que trata do ser humano, ela está situada além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia.

Como estuda os problemas de aprendizagem, o psicopedagogo tem como atribuição evitar ou vencer o fracasso escolar. A atuação psicopedagógica é investigar como o ser humano aprende como essa aprendizagem varia, e como se produzem as alterações na aprendizagem, como identificá-las, como tratá-la e preveni-las.

Segundo Bossa, “o objeto central de estudo da Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento”.²¹

No Brasil a Psicopedagogia surgiu, a partir da década de 70, devido a uma demanda social: a incapacidade de aprender, muitos profissionais envolvidos nos estudos das causas e intervenções das dificuldades de aprendizagem trouxeram da França e da Argentina os fundamentos teóricos da Psicopedagogia. Estes chegam por meio de palestrantes que vinham a convite para o Brasil, ministrar cursos e palestras, objetivando o fortalecimento da psicopedagogia no cenário brasileiro.

E assim em 1980 foi criada a Associação Estadual de Psicopedagogia de São Paulo, que já iniciou suas atividades com a preocupação de estabelecer o papel dos profissionais da área. Com esse objetivo, a categoria profissional promovia pequenos eventos para reflexão e trocas de experiências de trabalhos,

²¹ KIGUEL *apud* BOSSA, Nadia A. *A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 71.

buscando, inicialmente, as causas das dificuldades de aprendizagem escolar. Já em 1984, mais fortalecida e organizada a Associação proveu um evento maior, objetivando discutir as abordagens terapêuticas e preventivas do trabalho do psicopedagogo, na intenção de ampliar o campo atuação da classe, que até então se limitava ao processo de aprendizagem problemática.

Com o crescente avanço e fortalecimento da área de atuação da Psicopedagogia no Brasil, vem a necessidade de melhorar e diversificar os conhecimentos do profissional. Diante disso a Associação começou a promover vários eventos multidisciplinares, tais como: cursos, palestras, seminários, com objetivo também de melhorar a qualidade do ensino oferecido nas instituições de ensino.

Em 1986 a Associação Estadual promove seu 2º grande encontro de Psicopedagogo com o tema, Psicopedagogia: O Caráter Interdisciplinar na Formação e na Atuação Profissional e diante da crescente expansão da área, já com criação de vários núcleos da associação em vários estados a Associação em 1988, transformou-se em Associação Brasileira de Psicopedagogia.

Em 1992 após muitas reuniões e debates para elaboração do documento que ia estabelecer a delimitação do campo de estudo e de atuação do psicopedagogo, entrou em vigor após sua aprovação em Assembléia Geral, realizada no V Encontro e II Congresso de Psicopedagogia da Associação Brasileira de Psicopedagogia em 12/07/1992, o Código de Ética da profissão no Brasil.

O exercício da atividade da profissão em psicopedagogia no Brasil ainda não é regulamentado por lei. Os profissionais da área lutam pela aprovação do Projeto de Lei que se encontra na Câmara dos Deputados para apreciação e aprovação.

3.1 A Instituição Escolar sob o olhar da psicopedagogia

Com a obrigatoriedade da escolaridade no Brasil instituída apenas a partir da Constituição de 16 de julho 1934, pouco a pouco se enfatiza a relação entre escola e bem-estar social, estabilidade, progresso e capacidade de transformação, e com isso a criança que ameaça esta relação é marginalizada e isso na atualidade acaba por estigmatizar milhares de crianças como incapazes para aprender, trazendo sofrimento e consequências marcantes para vida muitos jovens brasileiros. Corroborando com nossa argumentação Cordiê: “o fracasso escolar é uma patologia recente. Sá pôde surgir com a instauração da escolaridade obrigatória no fim do século XIX e tomou um lugar considerável nas preocupações de nossos contemporâneos [...]”.²²

A esse respeito, convém citar a afirmação de Bossa: “a escola que surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna acaba por produzir na contemporaneidade a marginalização e o insucesso de milhares de jovens”.²³

A dificuldade de aprendizagem é uma realidade alienante que afeta a criança em sua totalidade. E a escola pública brasileira torna-se cada vez mais um cenário cruel dessa realidade, impedindo milhares de jovens de compreenderem melhor o mundo em que vive, formando jovens incapazes de analisar criticamente a realidade, a fim de se alcançar uma sociedade igualitária e sem privilégios.

Em uma pesquisa realizada pela Revista Nova Escola, em 2000, foi perguntado quem era o responsável pelo fracasso do ensino no Brasil, obtendo-se o seguinte resultado:

²² CORDIÊ, A. *Os astros não existem*: psicanálise de criança com fracasso escolar. Porto Alegre: Artmed, 1996. p. 17.

²³ BOSSA, 2002, p. 18.

Quem é o responsável pelo fracasso do ensino ²⁴		
1º lugar	O sistema escolar	55%
2º lugar	O Professor	24%
3º lugar	O aluno	11%
4º lugar	A família	10%

FONTE: Revista Nova Escola N. 133/ano 2000

Considerando a escola como uma instituição envolvida na geração desse sintoma escolar da contemporaneidade, ou seja, considerada como empecilho para que ocorra o processo de aprendizagem, se faz necessário uma revisão urgente no projeto de educacional do brasileiro. A este respeito, Scoz reflete que:

Observando a realidade educacional brasileira, percebe-se que o ao esforço de ampliar as vagas dentro do sistema escolar não se conseguiu uma política clara e segura de intervenção, que tornasse a escola capaz de ensinar as crianças e de contribuir para superação do problema da marginalidade. Para que isso ocorra, seria necessário que os educadores adquirissem conhecimento que lhes possibilitasse compreender sua prática e os meios necessário para sustentar o progresso e sucesso dos alunos.²⁵

As consequências desse panorama brasileiro, cada vez mais visível no momento atual, estabelecem uma desordem que pode levar a vida de uma criança ao caos gerando muito sofrimento para ela e toda a família.

Trabalhar com a construção do conhecimento humano é uma tarefa que envolve comprometimento com o processo educativo e, conseqüentemente comprometimento com a construção de um ser biológico, pensante, que tem uma história, emoções, desejos e um compromisso político-social. Como a Psicopedagogia tem por objetivo primordial o estudo do processo de aprendizagem, analisando esse processo em suas múltiplas variáveis, dentre elas,

²⁴ ASSOCIAÇÃO Brasileira de Psicopedagogia: dificuldades de aprendizagem decorrentes de relações familiares UFRRJ. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/monografias/09.htm>>. Acesso em: 23 maio 2011.

²⁵ SCOZ, 1994, p. 12.

aspectos afetivos e cognitivos das crianças bem com os aspectos relacionados à instituição de ensino, confere importante contribuição para vencer o fracasso escolar. Lembramos mais uma vez de Scoz quando afirma que:

Uma das maneiras de se chegar a isso seria através das contribuições da Psicopedagogia, área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes, recorrendo aos conhecimentos de varias ciências, sem perder vista o fato educativo, nas suas articulações sociais mais amplas.²⁶

Masini assinala com propriedade que os psicopedagogos assumem grandes desafios no contexto do século XXI “[...] em que o homem recobre sua maneira própria de sentir, pensar, agir em meio a tantas informações”.²⁷ Nessa perspectiva, a família na atualidade acena para identidades contraditórias, pluralidade múltiplas e de centros de poder vários, e a pessoa que apresenta problemas de aprendizagem como parte desta dinâmica de mudanças sociais, eivadas de diversidades e de diferenciações, aparece como resultado das dificuldades desde o lar. Por isso, deveria ser fundamental considerar no processo de escutar, clinicamente (psicopedagogicamente) as problemáticas destas pessoas com dificuldades em sua aprendizagem, sobretudo através dos responsáveis (pais), no intuito de iniciar determinada compreensão sobre o significado do que implica esse não-aprender, o qual adquire na dinâmica familiar pós-moderna, traços eminentemente sociais e sistêmicos.

Existem problemas de aprendizagem que remetem à relação com a família, trata-se, segundo Pain, de uma concepção de articulação entre a *instância* e a *estrutura*.²⁸ Conforme esta maneira de compreender os sintomas dos problemas ligados à aprendizagem, argumenta ela, a maneira particular das famílias e de seus membros, lidar com a situação, encontra-se no drama. Para ela o emergente, a pessoa que apresenta problemas de aprendizagem, é a referência psicopedagógica, o sinal mesmo do sintoma e o significado da crise. Avalia que

²⁶ SCOZ, 1994, p. 12.

²⁷ MASINI, E. F. S. Formação profissional em Psicopedagogia: embates e desafios. *Revista de Psicopedagogia*, v. 72, n. 23, p. 248-257, 2006. p. 249.

²⁸ Paín, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. p. 35.

“as perturbações na aprendizagem, normais ou patológicas, tendem a evitar aquelas modificações que o grupo não pode suportar, em função do seu particular contrato de sobrevivência”.²⁹ Sendo assim, a compreensão da linguagem, da comunicação dada pelos sintomas, isto é, da discursividade sociocultural estabelecida por meio das ações familiares corresponderia aos dados que favoreceriam a compreensão do significado do não-aprender em uma instituição específica.

²⁹ PAÍN, 1986, p. 37

4. A APRENDIZAGEM SOB OLHAR DA TERAPEUTA TRANSPESSOAL

O trabalho terapêutico na orientação transpessoal é fundamentado na Psicologia Transpessoal, uma abordagem que surgiu a partir de um movimento, na década 60, nos EUA, liderado por Maslon, Sutinh, Frankl e Grof. Considerada pelo expoente da Psicologia Humanista, Abraham Maslow, como a quarta força da Psicologia, sendo antecedido pelo Behaviorismo, pela Psicanálise e pelo Humanismo, fundamentada na Fenomenologia e no Existencialismo.

A Psicologia Transpessoal integra conhecimentos oriundos de várias áreas tais como a Psicologia Analítica de Carl Jung, a Psicologia Humanista de Abraham Maslow, a escola psicológica que explora o sentido existencial do indivíduo, a dimensão espiritual da existência de Viktor Frankl, as pesquisas dos estados incomuns de consciência de Stanislav Grof, com argumentação proveniente da Física Quântica, envolvendo também aspectos esotéricos como do Budismo, do Yoga, do Tibetismo e outros. É considerada uma teoria dinâmica e continua em desenvolvimento em conformidade com as novas pesquisas sobre a mente e seu funcionamento, tematizando a consciência humana.

Apesar do Movimento Transpessoal ser uma abordagem recente, oficializada no ano 1968, Segundo Grof (1988), Carl Gustav Jung anteriormente já havia lançado as bases para o surgimento dessa abordagem. Assim sendo, Jung o fundador da Psicologia Analítica, além de influenciador dessa abordagem, pode ser reputado como um inaugurador da Psicologia Transpessoal,

4.1 Breve relato da trajetória de Carl Gustav Jung

Jung (1875-1961) nasceu na Suíça, filho de uma relação conflituosa entre o pastor Johann Paul Achilles Jung e Emilie Preiwerk Jung. Logo após o nascimento de Jung, Emilie ficou hospitalizada durante vários meses em decorrência de problemas de saúde mental, e o Jung com poucos meses de vida ficou sob a

guarda de uma tia idosa.

No ano de 1895, Jung ingressa na Universidade no curso de medicina em seguida especializa-se na área de psiquiatria. No ano 1900 ao concluir o curso começa a trabalhar na clínica de Psiquiatria da Universidade de Zurique como medico assistente de um psiquiatra de destaque na época Eugen Bleuler.

Jung casa-se Emma Rauschenbach, filha de abastado industrial, no ano de 1903, com quem teve cinco filhos.

Um ano depois, começa seu trabalho de pesquisa das reações psíquicas, baseado na observação e nos estudos do teste de associação de palavras proposto Wundt. No ano de 1905 em decorrência desse trabalho, Jung torna-se conferencista em psiquiatria na Universidade de Zurique sendo também designado a chefiar um grupo de pesquisa, e assim formulando o conceito de complexo. Em 1906 envia a Sigmund Freud seus estudos, iniciando uma estreita relação como medico neurologista austríaco criador da Psicanálise. Jung passa a desempenhar um papel fundamental no movimento psicanalítico.

Freud que inicialmente desejava ter Jung como seu sucessor na Teoria Psicanalítica, mais tarde após Jung propor uma revisão da teoria da libido, apresentar ideias próprias com relação à psicanálise, a sonhos e ao inconsciente essa relação chega ao fim, isso no ano de 1913.

Com o fim do relacionamento com Freud e com a Psicanálise, Jung desiste das conferencias, abandona as atividades acadêmicas e parte para um período de isolamento, período muito difícil na sua vida, imbuído a analisar seus sonhos e visões, realizando um verdadeiro confronto com o inconsciente que durou três anos.

Quando supera o desafio, retorna revigorado e dedica-se a escrever sua importante obra, Tipos Psicológicos e nessa mesma época passa promover

reuniões de estudantes em sua residência, e a viajar com frequência objetivando vivenciar e observar experiências com diversos grupos sócias no mundo.

O grande interesse que Jung despertou por conteúdos cientificamente suspeitos como alquimia, astrologia, telepatia, clarividência, espiritualismo, simbolismo religioso, sonhos e etc. Bem como, por nunca ter se submetido a convenções e tradições, a Psicologia Junguiana foi muito criticada no meio acadêmico. Atualmente percebe-se que o interesse pela Psicologia Analítica ou Junguiana vem crescendo muito no meio acadêmico e suas concepções estão cada vez mais presentes nas pesquisas, livros, artigos e filmes.

4.2 O Educador e Psicologia Junguiana

A Psicologia Junguiana surge no início do século XX e recebe diversas influencias, não só de pesquisadores da época em que nasceu o seu criador Carl Gustav Jung, e de pensadores que o antecederam, como também do conjunto de suas experiências pessoais. Jung em suas pesquisas percebe a necessidade de ampliar seus conhecimentos a respeito de sociedades e culturas diversas e assim ele estuda a mitologia e arte grega, chinesa etc. Como também visita outros grupos sociais: os árabes do deserto da África do Norte, os índios Pueblos do Arizona e do Novo México onde permaneceu por um ano, participou de expedição à África Oriental, no Kenya. Assim a Psicologia Junguiana ou Psicologia Analítica como foi denominada por seu criador se desvencilha da limitação do mundo ocidental.

No desempenho de suas funções o educador tem um papel importante no estabelecimento do vínculo e na qualidade das relações professor-aluno, aspecto relevante no processo de construção de conhecimento do educando. Portanto além da necessidade do domínio do conhecimento acadêmico, e de uma boa pratica didática, ao se pensar no desempenho do aluno se faz necessário considerar a importância da relação interpessoal entre o aluno e professor como também fundamental para expectativa de sucesso do educando.

Considerando sua trajetória escolar, que em muitas ocasiões foram decepcionantes, Jung por ocasião de algumas palestras proferida a professores salientou a necessidade da compreensão do desenvolvimento psíquico da infância e da adolescência, julgando que a ação do professor no desenvolvimento da personalidade do aluno é tão importante quanto à ação no desenvolvimento do processo de construção conhecimento do mesmo. Jung nos revela:

... sou de parecer que, por outra parte, o coração do educador deve desempenhar uma tarefa cuja importância mal podemos avaliar devidamente. Recordamos com reconhecimento os professores competentes, mas sentimos gratidão em relação àqueles que se dirigiram ao nosso íntimo. A matéria do ensino se assemelha ao mineral indispensável, mas é o calor que constitui o elemento vital que faz crescer a planta e também a alma da criança. (JUNG, 2008b, p. 149).³⁰

Pode-se perceber no discurso de professores, coordenadores e gestores uma tendência de atribuir ao aluno e a família toda responsabilidade pelo fracasso escolar do educando e isso vem gerando uma atitude conformista, dificultado estabelecimento de possíveis estratégias para reverter a situação por parte do professor.

Para Jung, estava fora de dúvida que professores constituem as influências mais poderosas sobre a individualização da criança sobrepujando até mesmo as dos pais. Os professores são, ou deveriam ser, treinados para trazer para consciência o ego inconsciente dos alunos. (HALL e NORDBY, 2005, p.76)³¹

4.3 Aprendizagem x fracasso escolar

As dificuldades e os percalços de aprendizagem que se apresentam na vida da criança têm sempre origem de situações negativas de interação social, seja ela com a família, com o educador, ou com os outros. Segundo Jung as crianças sofrem forte influência de sua rede relacional, sejam de familiares ou de pessoas do seu convívio. Lembramos mais uma vez de Jung quando afirma que:

³⁰ JUNG, 2006B, p. 149.

³¹ HALL e NORDBY, 2005, p.76.

A criança tem uma psique extremamente influenciável e dependente, que se movimenta por completo no âmbito nebuloso da psique dos pais, do qual só relativamente tarde consegue libertar -se [...] O professor, não deveria jamais ser descarregado diretamente sobre o aluno, como lamentavelmente talvez aconteça. Tal conhecimento deve em primeiro lugar ajudar o professor a conseguir uma atitude mais compreensiva em relação à vida psíquica da criança. Este conhecimento está destinado à pessoas adultas e não às crianças, que por enquanto necessitam apenas de coisas elementares. (JUNG, 2008b,p. 54).³²

Para Jung a criança nos seus primeiros anos de vida tem uma psique até certo ponto formada pela junção da psique materna e paterna. Por ocasião de frequentar escola, sua identificação com os pais começa a diminuir e os educadores acabam se tornando referência para a criança, ocorrendo uma projeção, ou seja, a criança projeta sobre o professor a imagem do pai. Argumenta Nise da Silveira: “Evidentemente os mestres, ao lado dos pais, desempenham papel muito importante nessa fase da educação por exemplo.”

Nise da Silveira nos revela ainda citando Jung que:

“O pedagogo deveria estar atento a seu próprio estado mental para verificar de onde provêm as dificuldades que encontra com as crianças que lhe são confiadas. Pode muito bem acontecer que seja ele a causa inconsciente do mal”. Portanto, pais e mestre são chamados a se conhecerem a si próprios, a se educarem a si próprios. (JUNG, 2008b,p. 54).³³

O professor assume um papel relevante na transição do estágio de dependência dos pais para a autonomia da criança, onde as regras, princípios e limites são essenciais para individualidade do educando. O educador precisa buscar compreender o aluno, considerando seus dons especiais como também suas dificuldades. Como se pode falar em fracasso escolar sem que o educador conheça a história do desenvolvimento psíquico da criança, sua história de vida e seu ambiente? Nessa concepção é necessário que o professor vá além transmissão de conteúdos na sala de aula, pois a função mais relevante do professor é favorecer o desenvolvimento equilibrado da individualidade dos seus alunos. Recorremos mais uma vez a Jung quando afirma que:

³² JUNG. 2006b, p.149.

³³ JUNG. 2006b, p.149.

É muito importante que o professor esteja consciente desse seu papel. Sua tarefa não consiste apenas de meter na cabeça das crianças certa quantidade de ensinamentos, mas também, em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total. (JUNG, 1986)³⁴

4.4 O mal na relação ensino aprendizagem

Se as situações negativas de interação social produzem feridas emocionais, a construção do ser social irá acompanhado de mecanismos marcantes: medo, culpa, vergonha, baixa autoestima, ansiedade, fracasso.

Na psicologia junguiana o ser social, ou a máscara utilizada publicamente resultante dos esforços de adaptação objetivando provocar uma impressão favorável de aceitação social, chama-se persona. Buscando aprovação e reconhecimento da família, ou do professor ou do grupo de amigos, a criança, de forma inconsciente, renuncia características próprias, para ser o que esperam dela. E essa exigência do processo de construção do ser social, onde é excluído da consciência todos os elementos julgados inaceitáveis pelas pessoas que a rodeia, constitui o que Jung chamou de sombra.

Sustenta nossa argumentação, HALL, NORDBY (1993) Persona é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim que a sociedade o aceite. A partir desse conceito, persona é a máscara usada para se viver em sociedade, enquanto sombra são conteúdos reprimidos da necessidade de construir ser social.³⁵

A formação da sombra começa na infância. Na sombra esta oculto uma criança ferida e angustiada, que tenta se moldar e se adequar ao seu meio buscando aprovação e valorização. Logo cedo à criança aprende a reprimir o que não é aceito, e conclui “se eu fizer algo errado, ninguém gostará de mim”. E é muitas vezes nessa fase que são gravadas na psique da criança mensagens como: "Não vou conseguir", "Não vou aprender", "Sou burra", “Sou feia”, “Ninguém

³⁴ JUNG. 1986 p.149.

³⁵ HALL, NORDBY (1993)

me ama”, e assim podem ser arrastados por toda vida, conteúdos que demanda um gasto muito grande de energia psíquica. Fundamenta nosso ponto de vista Abrams e Zweig, ao cita Jung:

“ afirma que a sombra é aquilo que uma pessoa não queria ser, refere-se como algo que não agrada ao “gosto” da maioria das pessoas principalmente, por ser difícil de conhecer, por exigir para isso uma grande força moral e um grande amadurecimento psicológico. “Uma pessoa não se torna iluminada ao imaginar formas luminosas, mas sim ao tornar consciente a escuridão. Esse último procedimento, no entanto, é desagradável e, portanto, impopular” .³⁶

Sendo assim, A energia psíquica que iria fluir impulsionando a cognição, pode ficar aprisionada ou alimentando uma unidade complexa, associada a comportamentos, sentimentos, negativo do indivíduo.

³⁶ ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (orgs.) (1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos ver que as condições de aprendizado estão implicadas nas relações sócio emocional da criança. A história das crianças e suas famílias influenciam no desenvolvimento de seu desempenho escolar. As questões de estrutura são elementos de subjetivação e a consciência de problemas sociais e intersubjetivos são, muitas vezes, não refletidos pelas crianças e jovens, fazendo assim com que elas tenham comportamentos não refletidos diante das diretivas institucionais escolares como a bagunça, a irreverência, a rebeldia e violência, a não adequação aos critérios estabelecidos, e aos níveis de socialização postos na dinâmica cotidiana com os outros estudantes.

Na atualidade diante da situação de dificuldade na aprendizagem dos estudantes em vários níveis, surge a figura do profissional psicopedagogo. As dificuldades de aprendizagem passam a ser tratadas de maneira mais específica e com perspectivas científicas. Porém, a atuação do psicopedagogo parece estar fadada a uma luta inglória diante do quadro social que estabelece o papel do professor limitado a uma comunicação unilateral, neutra, sem estabelecimento de vínculo afetivo, com seus alunos, pois é também função da escola fornecer um ambiente, onde aconteça o desenvolvimento cognitivo paralelo ao desenvolvimento afetivo, buscando sempre o êxito e não fracasso do aluno.

A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra a afetividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia.³⁷

³⁷ LA TAILLE, (1992)

A esta questão consideramos importante ponderar que a compreensão do contexto social e das interações afetivas que são desenvolvidas cotidianamente se tornam fundamentais para esta tarefa. A afetividade não se coloca como uma afetação emocional ou uma percepção de mundo piegas, pelo contrário, trata-se de uma avaliação e atitude crítica diante dos pressupostos teóricos e curriculares que são tomados pelos educadores, muitas vezes, acriticamente, redundando em prejuízo prático aos estudantes.

Diante dos avatares sociais é bom termos cautela ao falarmos da contribuição da psicopedagogia, pois o fracasso escolar aponta para uma institucionalização de lugares de fracasso escolar. Os lugares são construídos socialmente. São estruturas ocupadas por pessoas que já nascem em desvantagem e para superarem a si mesmas, e aos lugares, são necessários vários fatores. Por isso, muitas questões estão envolvidas no processo educacional, e são elas fundamentalmente conjunturais, isto é, as dimensões cognitivas, psicopedagógicas, sócio-afetivas e socioculturais, todas conectadas em redes interrelacionais e em constante relação dialética.

Os problemas de aprendizagem são muito antigos e muitos foram os pensadores e pensadoras e se dedicar na resolução destes problemas. O próprio Aristóteles verificou que o ser humano possui uma característica fundamental que é o conhecer. Ele diz assim, bem no início de sua obra mais conhecida, a *Metafísica*: “todo homem, por natureza, deseja conhecer”.³⁸ De dito de outra forma, isso quer dizer que todos nós temos a inclinação para o conhecimento, pois isso nos caracteriza como seres cognitivos, isto é, nos estabelecemos pelo conhecer mútuo implicado nas relações intersubjetivas desde o nascimento.

Diante, então, do efetivo fracasso escolar que se vê na sociedade foi tomada a decisão gradativa e dinâmica de se pensar o fracasso a partir de bases

³⁸ARISTÓTELES *apud* JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Herder, São Paulo. p. 223.

fundamentadas cientificamente. Os resultados têm sido satisfatório e gradativamente se vai conhecendo mais os mecanismos que permitem o conhecimento. A neurociência tem contribuído muito como disciplina auxiliar, no enfrentamento dos problemas relacionados à aprendizagem.

Retomando com o objetivo de ressaltar o sentido da terapêutica na prática ensino aprendizagem, ou seja, aprendizagem sob o olhar do terapeuta transpessoal, evidenciamos a necessidade de um paralelo entre afetividade e cognição. Aprendizagem que envolve a afetividade requer uma postura de professor “cuidador” que olha e escuta a criança em sua inteireza. Nesse sentido, o desafio é criar espaços para refletir e mobilizar os “cuidadores” no sentido de ampliar as condições de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leandro S; ROAZZI, Antônio. **Insucesso Escolar: insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar?** Revista Portuguesa Escolar, Universidade do Minho, v. 1, n. 2, p. 53-60, 1988.
- AQUINO, Julio (Org.). **Erro e fracasso na escola.** São Paulo: Summus, 1997.
- FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.
- ASSOCIAÇÃO Brasileira de Psicopedagogia: **dificuldades de aprendizagem decorrentes de relações familiares** UFRRJ. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/monografias/09.htm>>. Acesso em: 23 maio 2011.
- BARTHOLO, Maria Helena (Org.). **Relato do fazer psicopedagógico.** Rio de Janeiro: NOOS, 2003.
- BLEGER, José. **Psico-Higiene e psicologia institucional.** Porto Alegre: Artmed, 1984.
- BOSSA, Nadia A. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico.** São Paulo: Artmed, 2002. .
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura,** v. 1. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível.** *Revista de Psicologia da Vetor Editora (PSIC)*, v. 7, n. 1, p. 29-38, Jan./Jun., 2006.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elemento para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CORDIÈ, A. **Os astros não existem: psicanálise de criança com fracasso escolar.** Porto Alegre: Artmed, 1996.
- CURY, Carlos J. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.** In: BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). *Parecer n. 11*, 07 de junho de 2000. Brasília: CNE/CEB.
- DROUET, Ruth Caribé. **Distúrbios da aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1990.
- FERNÁNDEZ, Alcía. **A Inteligência aprisionada: uma abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Arte médicas, 1991.

FERREIRA, Renata Tereza da Silva. **A importância da psicopedagogia no ensino fundamental de 1° a 4° série.** Disponível em: <<http://www.psicolucia.blogspot/2008>>. Acesso em: 21 mar. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996. Resenha de: DUARTE, Maria Desidéria. Scholé: resignificando a educação, Divinópolis, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www2.funedi.edu.br/revista/revista-eletronica2/apresentacao.htm#>>. Acesso em: 11 maio 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar.** 16. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006. Resenha de: OLIVEIRA, Maria Izete de. Linhas Críticas: revista da faculdade de educação da Universidade de Brasília (UnB), v. 12, n. 22, p. 151-154, jan./jun., 2006.

GIBRAN, Kahlil. **O profeta.** Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional, 1974.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. **Psicopedagogia: um conhecimento em contínuo processo de construção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. (Coleção forma-ação em psicopedagogia / dirigida por Edith Rubinstein)

HALL, C. S.; NORDBY, V. J. **Introdução à psicologia junguiana.** São Paulo: Cultrix, 199

HERNÁNDEZ, Fernando. 1998. **A importância de saber como os docentes aprendem.** *Pátio Revista Pedagógica*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, fev./abr., 1998.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1984a

_____. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Memórias, sonhos e reflexões**

. Org. Aniela Jaffé. 1.ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. **O eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Tipos psicológicos.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008a

_____. **O desenvolvimento da personalidade.** 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2008b

KIGUEL apud BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LA TAILLE, Yves de. – Piaget, Vygotsky e Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.

LIMA, L. **Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

LUZURIAGA, Lourenzo. **História da educação e da pedagogia**. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1981.

MASINI, E. F. S. **Formação profissional em Psicopedagogia: embates e desafios**. *Revista de Psicopedagogia*, v. 72, n. 23, p. 248-257, 2006.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 12, set./out./nov./dez., p. 59-73, 1999.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádía A. (Orgs.). **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção psicopedagogia e psicanálise).

OLIVO, Fabíola. **A educação como condição de acesso à cidadania**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. **A função da ignorância**. v. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

PIAGET, Jean. **Problemas de Psicologia Genética**. (Coleção Os Pensadores). 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PITOMBO, Elisa Maria. Família, **psicopedagogia e pós-modernidade**. *Cad. psicopedag*, São Paulo, v. 6, n. 11, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-10492007000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 maio 2011. .

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Org.). **Educação para Jovens e Adultos: ensino fundamental: proposta curricular, 1º segmento**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

SANTOS, Anerita Ferreira dos; LIMA, Márcia Helena de. **A importância da psicopedagogia na educação: uma análise sobre o ensino fundamental**. In: *Contextos e saberes da educação: coletânea de artigos do VI Curso de Pós-Graduação em Educação Especial / Inclusiva e Psicopedagogia* Instituição Promotora. Disponível em: <<http://www.unipaciefom.com.br/documentos/ColetVlturEduEspEduclnPsi.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2011.

SANTOS, Luciana Stoppa dos. **Transtornos de aprendizagem e fracasso escolar: uma correlação possível?** *Revista Tavola Online*: divulgação em humanidades, ciências e cultura, 2011. Disponível em: <<http://nucleotavola.com.br/revista/>>. Acesso em: 18 maio 2011.

SCHIFF, Michel. **A inteligência desperdiçada**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Maria de Lourdes. **Mudanças de Comportamentos e Atitudes**. São Paulo, Moraes, 1996.

SISTO, Fermino F.; OLIVEIRA, Gislene de C. (Orgs.). **Atuação Psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis: Vozes, 2005.

STUCCI, B. **Intervenção simultânea pais-criança com problemas de aprendizagem**. *Revista Construção Psicopedagógica*, São Paulo, n. 3, p.18-22, 1996.

WAGNER, Adriana; MONSMANN, Clarisse P.; DELL'AGLIO, Débora D.; FALCKE, Denise. **Família & internet**. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (orgs.) 1991. **Ao Encontro da Sombra – O Potencial Oculto do Lado Escuro da Natureza Humana**. São Paulo: Editora Cultrix.